

Ademir Kleber Morbeck  
Oliveira

Fábio Fernando Martins  
Oliveira

P

ROCESSO DE PRODUÇÃO  
ARQUITETÔNICA NA ZONA RURAL  
DO MUNICÍPIO DE RIO  
BRILHANTE, MATO GROSSO DO  
SUL – 1938 A 1950. PARTE II

## RESUMO

A região onde se situa a cidade de Rio Brilhante, inicialmente, foi colonizada pela família dos “Barbosas”, oriunda de Minas Gerais, que a denominou Campos de Vacaria. A base econômica era a exploração de madeira e a coleta da erva-mate, posteriormente, a pecuária. Estas atividades propiciaram o acúmulo de capital, resultando na construção de edificações, com determinados materiais construtivos e ornamentos, tornando-as expressivas. Objetivou-se com este estudo mostrar a produção arquitetônica na zona rural do município de Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul, no período de 1838 a 1950, dentro do seu contexto histórico, através de visitas *in loco*, registro fotográfico, documentos, livros e relatos de pioneiros. Foram identificadas sete fazendas, com suas residências em madeira e alvenaria, cemitérios, instalações rurais e igrejas. Sua análise ocorreu através de sua volumetria, imagem, materiais construtivos, história e períodos, que reproduzem um ou mais conteúdos simbólicos em suas composições tipológicas, demonstrando suas inspirações estilísticas. Algumas dessas instalações ainda resistem ao tempo, retratando a história e a memória local da população.

## PALAVRAS-CHAVE

Arquitetura. Patrimônio arquitetônico. Erva-mate. Pecuária.

ARCHITECTURAL PRODUCTION  
PROCESS IN RURAL  
MUNICIPALITY OF RIO  
BRILHANTE, MATO GROSSO DO  
SUL: 1938-1950 - PART II

pós- 75

ABSTRACT

The region where is located the city of Rio Brilhante was initially a colonization by the family of “Barbosas”, coming from Minas Gerais, who called the region as “Campos de Vacaria”. The economic base was the logging and the collection of mate herb subsequently livestock. These activities led to the accumulation of capital, resulting in the construction of buildings with certain construction materials and ornaments, became significant. The objective of this study shows the significant architectural production in the rural municipality of Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul in the period 1838-1950, and its historical context through site visits, photographic records, documents, books and pioneers’ reports. Seven farms, with their residences in wood and masonry, its cemeteries, rural facilities, and churches were identified among them. The analysis occurred through its volumes, image, building materials, history and periods, which reproduce one or more symbolic content in their typological compositions, demonstrating its stylistic inspirations. Some of these facilities still resist time, depicting the history and the local memory of the population.

KEYWORDS

Architecture. Architectural heritage. Mate herb. Livestock.

## INTRODUÇÃO

Existem diferentes maneiras de se pensar a arquitetura e suas obras resultantes. Em relação ao estudo da arquitetura e sua importância, de acordo com Rocha-Peixoto (2013), o ensino da história da arquitetura variou ao longo do tempo, podendo ser vislumbrada de três modos: o modo historicista, no qual se coloca a arquitetura na história, buscando um recorte histórico útil ao projeto; o modo histórico-modernista, em que a história não fornece elementos de projeto; e o modo historiográfico-culturalista, em que o estudo do passado é uma necessidade do presente, ajudando a compreendê-lo; de acordo com o autor, são modos de pensamento em permanente debate. Assim, o processo de estudo das obras arquitetônicas pode ser visualizado de diferentes formas e cada maneira tem as suas características, embora o autor possua uma visão de que o ensino da arquitetura deveria pensar o próprio fazer enquanto história, porém não sendo exclusivo e sim, alternativo.

Desta maneira, o estudo das características arquitetônicas encontradas em distintas regiões permite um recorte do modo de vida da população, naquele período, além de facilitar a compreensão do presente; porém apenas isto não é o suficiente, pois é necessário interligar os diferentes aspectos estudados com a cultura do local estudado. Rocha-Peixoto (2013) escreve que o estudo do passado, demandado pelo presente, ajuda a compreender os processos envolvidos.

Nas diferentes regiões do Brasil, os processos de ocupação sempre estiveram relacionados ao ambiente que os novos ocupantes encontravam. O Estado de Mato Grosso do Sul não fugiu deste padrão; porém, devido à diversidade de ambientes encontrados, as estruturas construídas eram distintas. Um dos locais com características próprias, quanto aos processos de ocupação e construção de estruturas físicas, foi a região dos “Campos de Vacaria”. Sua ocupação ocorreu, inicialmente, com a fixação dos fazendeiros em grandes propriedades rurais, tendo como atividade econômica a extração da erva-mate (utilizada para a preparação do chimarrão), exploração da madeira, a pecuária e a agricultura de subsistência. De acordo com Campestrini (2009), esses fazendeiros, de origem portuguesa, estavam fugindo da Revolta Nativista de 1834, conhecida como Rusga (movimento de hostilidade aos portugueses) ocorrida na região de Cuiabá, Mato Grosso.

Já, em 1836, chega à região o mineiro Antônio Gonçalves Barbosa, com uma comitiva de 58 pessoas, incluindo seus familiares, acampando em um prado onde existiam vacas de propriedade dos índios Guaicurús. No local, encontrando terra roxa e matas de grande porte, fixaram morada e batizaram o lugar de “Boa Vista”, sendo esta a primeira fazenda a ser formada na região (FACHOLLI; DOERZBACHER, 1991).

Os mesmos autores citam que, em 1842, o irmão de Antônio, Inácio Gonçalves Barbosa, chegou à região, com cerca de 60 pessoas, fundando a Fazenda “Passatempo”, próxima as propriedades já existentes. Desta maneira, a ocupação do município da região por desbravadores pertencentes às famílias Barbosa, Garcia Leal e Lopes permitiu a colonização branca ao longo dos rios Brilhante e Vacaria, até a serra de Maracaju e atual município de Jardim.

De 1862 a 1864, imigrantes paraguaios também se estabelecem na área, aumentando assim a população rural já existente. Estes novos moradores se concentravam na extração de erva-mate e, conforme Sodré (1941, p. 18), referindo-se à segunda metade do século XIX, “*O regime pastoril do Oeste devia apoiar-se, portanto, em populações oriundas de três procedências diversas – o mineiro, o gaúcho e o paraguaio*”, incluindo, provavelmente, o indígena na denominação paraguaio.

Em consequência da invasão paraguaia no território brasileiro, em 1864, ocorreu um esvaziamento da população no sul do então Mato Grosso, que fugia com medo das tropas que arrasavam tudo por onde passavam. No período da guerra, os habitantes que não foram mortos ou presos esconderam-se nas matas ou fugiram para Santana do Paranaíba e outros pontos do Estado, “*ficando esta região desabitada até o fim de 1872*” (BARBOSA, 2011, p. 57).

Após o conflito, os habitantes sobreviventes voltaram, reiniciando a povoação e dedicando-se à atividade da pecuária para a produção de charque (carne bovina cortada em mantas, salgada e seca ao sol) e couro e a coleta de erva-mate, abundante na região; também cultivavam o milho, arroz, feijão e mandioca, a chamada agricultura de subsistência (SODRÉ, 1941).

“*No final do século XIX e início do século XX, pecuaristas gaúchos perseguidos, após a revolta federalista de 1893, estabeleceram-se nos campos de Vacaria (Ponta Porã, Bela Vista e Rio Brilhante), onde, encontraram com os criadores mineiros*” (MAMIGONIAN, 1986, p. 47). Neste período, em 1882, instala-se, também, na região, a Empresa Matte-Laranjeira, grande produtora e exportadora de erva mate, sendo um dos fatores que proporcionou um acelerado crescimento econômico a alguns proprietários existentes no local.

Desta maneira, no final do século XIX, existia uma base econômica que permitiu que proprietários de terras e comerciantes tivessem grandes ganhos de capital, o que propiciou a construção de edificações bastante expressivas, como residências em madeira e alvenaria. Estes ambientes construídos estavam relacionados a determinadas famílias pioneiras na região, que eram as mais poderosas.

Como característica das edificações, existia uma combinação de um ou mais elementos arquitetônicos bem definidos em suas tipologias, demonstrando suas inspirações estilísticas, o fino acabamento e o bom gosto por parte dos seus proprietários. De acordo com Oliveira e Oliveira (2017), a primeira característica construtiva da região era a arquitetura espontânea vernácula, devido à abundância de madeira e utilizada de acordo com as necessidades; porém a maior parte destas construções já não existe devido ao apodrecimento das estruturas. Após esse período, surgem construções em alvenaria e residências com cômodos amplos e pisos revestidos por ladrilhos hidráulicos, com as casas tendo detalhes em suas fachadas e ficando visíveis os elementos arquitetônicos, sem um estilo homogêneo, predominando a arquitetura espontânea vernacular, o Neocolonial e o Ecletismo.

Com esta análise, destaca-se a importância do estudo e registro dessa arquitetura inserida na paisagem rural, na qual algumas ainda resistem ao tempo, retratando a história da ocupação do município e a memória local desta população, contribuindo com um acervo identificado da arquitetura de Mato Grosso do Sul e em específico, do município de Rio Brilhante.



## MATERIAL E MÉTODOS

A área estudada compreende os limites territoriais do município de Rio Brilhante, localizado no Estado do Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste, com uma área de 3.987,397 km<sup>2</sup> e população de aproximadamente 30.663 habitantes (IBGE, 2015). O município faz limite ao Norte com Nova Alvorada do Sul e Sidrolândia, ao Sul com Angélica, Douradina, Deodápolis, Itaporã e Dourados, a Leste com Nova Andradina e a Oeste, Maracaju (Figura 1).

Sua topografia é plana, apresentando-se rampeado em determinados locais e com ondulações leves em algumas áreas. Seu solo tem origem no basalto (Latosolos roxos) e, conforme os dados da Carta Topográfica (CPRM, 2005), altitudes variando entre 360 a 390 metros. Sua rede hidrográfica é comandada pelos principais rios que o cercam, Vacaria e Brilhante, além de afluentes que drenam a zona rural e urbana, como os Córregos Araras e o Areia.

O processo metodológico baseou-se em algumas publicações já existentes, tais como Arruda (1999), Marques (2007), Magalhães (2012), Lima (2013) e Oliveira e Oliveira (2017), que registram as primeiras pesquisas que contribuem para o resgate do patrimônio arquitetônico sul-mato-grossense, indicando os modelos representativos da produção construtiva e seus períodos.

Este trabalho é uma sequência de estudos anteriores já desenvolvidos na região (Produção arquitetônica na zona rural do município de Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul: 1844 a 1930 – parte I), de autoria de Oliveira e Oliveira (2017). Novas edificações foram identificadas através da busca dos remanescentes arquitetônicos da região. Foram percorridos trechos das estradas vicinais municipais e rodovias estaduais. As fazendas que possuíam elementos arquitetônicos de destaque foram Boa Vista, Vira Mão, Recreio, Triângulo, Campo Alegre, Suez e Assentamento Mutum.

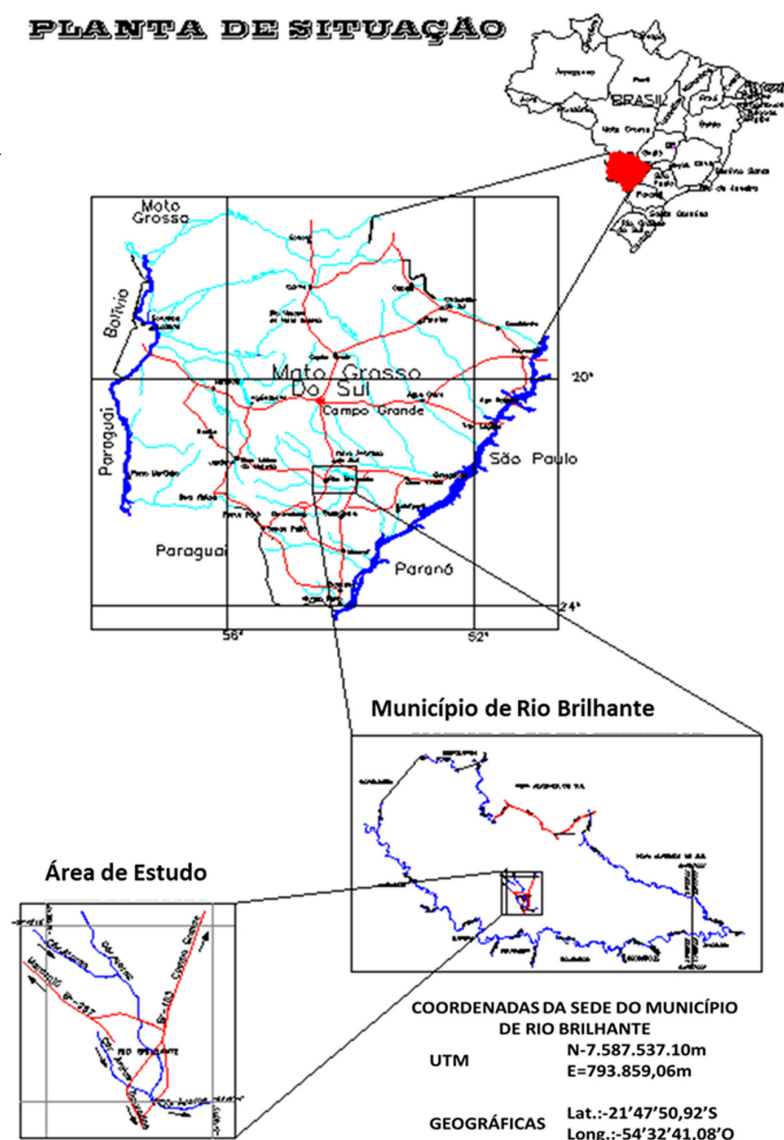


Figura 1: Localização do Município de Rio Brilhante e área de estudo. Fonte: IBGE (2015), adaptado pelos autores.

Realizou-se o levantamento fotográfico das edificações, analisadas através das imagens, nas quais se pode evidenciar uma série de questões estéticas e construtivas e a produção de cada edifício foi relacionada com seus respectivos períodos.

Também, foram obtidas informações adicionais, como análise documental através de mapas e fotografias na Prefeitura e Biblioteca Municipal de Rio Brilhante e utilizados livros relacionados à história do Estado, bem como relatos orais dos descendentes das famílias pioneiras.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Oliveira e Oliveira (2017), na região predomina uma arquitetura espontânea vernácula e elementos decorativos e materiais construtivos que remetem aos Estilos Eclético, Neocolonial, *Art Nouveau* e *Art Déco*, predominando o ecletismo.

A Fazenda Boa Vista foi uma das primeiras propriedades registradas na região do município de Rio Brilhante, localizada a uma distância de 30 km ao norte da área urbana de Rio Brilhante (FACHOLLI; DOERZACHER, 1991; BARBOSA, 2011). Atualmente no local, não existem mais vestígios das construções datadas da época do pioneirismo. Isto ocorre porque as primeiras construções eram cabanas rústicas, feitas de materiais de pouca durabilidade. Também as antigas e famosas bicas d'águas, passando por dentro da área de serviço da residência e pelas varandas, construídas em madeiras diversas, não são mais encontradas devido ao apodrecimento das estruturas, fator também observado por Oliveira e Oliveira (2017) em outras propriedades da região.

Outro fator que levou à perda de inúmeras sedes de fazendas e suas estruturas de apoio foi a Guerra do Paraguai, pois, quando as tropas guaranis chegavam às fazendas, ocorriam normalmente saque e queima das propriedades.

Posteriormente, com o retorno da população e o reinício das atividades econômicas, ocorreu a reconstrução das fazendas e de suas sedes; com o crescimento da região e o acúmulo de capital por determinados fazendeiros, as edificações começaram a se destacar pela riqueza no uso de materiais e detalhes construtivos.

Registraram-se, nessas fazendas, residências em madeira e alvenaria, e algumas peculiaridades construtivas, como a presença de cemitérios e capelas.

### Edificações encontradas nas fazendas na ordem de seus respectivos períodos de construção

#### • Fazenda Bela Vista - 1938

As primeiras casas da região eram simples palhoças cobertas de palha, sem iluminação elétrica, conhecendo apenas os candeeiros, lamparinas e lâmpões, alimentados com azeite de mamona ou outro tipo de combustível (FACHOLLI; DOERZACHER, 1991). Ainda, segundo os autores, Antônio Gonçalves Barbosa batizou o lugar em que foi instalada a fazenda de Boa Vista; desta maneira, estava fundada a partir de então uma das primeiras fazendas do local. No início da colonização branca, as matas ainda eram ocupadas por

índios Guarani Kaiowá, nem sempre amistosos com a invasão de suas terras. Desta maneira, os pioneiros erguiam suas moradas em semicírculo, empregando a aroeira, madeira resistente e abundante. Com a destruição das grandes áreas de matas e sua substituição por pastos, ocorreu a consequente expulsão dos índios que habitavam a região.

Apesar de a sede atual da fazenda ter sido erigida em 1938, ainda existe no local uma casa de madeira, construída por José Justiniano de Souza Coelho, pai de Laucídio Coelho, entre os anos de 1892 e 1893, sendo uma das poucas com registro fotográfico na região (SOUZA, 2007) e um raro exemplo de conservação das antigas sedes.

A residência (Figura 2) possui uma volumetria retangular, implantada em um terreno amplo, aberturas de portas e janelas simétricas, retangulares, cobertura em quatro águas e telhas de barro tipo francesa. Oliveira e Oliveira (2017) também descrevem para outras propriedades da região o mesmo padrão de janelas, uma característica comum nas casas rurais e ainda facilmente encontradas em outros locais.

Souza (2007) escreve que a casa foi feita de esteios de aroeira e paredes de tijolos, sendo esta uma característica da arquitetura espontânea vernácula. Por ser a madeira um material construtivo abundante e bastante explorado na região, as primeiras construções foram todas realizadas com este material, como ainda se pode visualizar em algumas propriedades.

Quando os proprietários rurais passaram a apresentar um maior poder econômico, o padrão das casas se modificou; estas começaram a seguir o modelo de plantas retangulares, coberturas em quatro águas com telhas de barro tipo francesa ou colonial, aberturas simétricas em suas portas e janelas, com a presença de varandas nos fundos e em sua lateral, sempre implantadas em terrenos amplos (Figura 3).

Para Magalhães (2012), a Fazenda Bela Vista, cuja sede em alvenaria foi edificada em 1938, era um modelo de produtividade integrada, possuindo fábrica de cerâmica e de farinha de mandioca, serraria, engenho de cana e açougue com abate diário.

A sede foi implantada em um terreno amplo, uma característica do estilo Neocolonial, mas cercada com pilares de cimento e madeira, com um portão de acesso duas folhas em ferro ornamentado, que remetem ao estilo *Art*

Figura 2: Primeira sede em madeira na Fazenda Bela Vista, município de Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul. Fonte: Os autores.



Figura 3: Primeira residência em alvenaria na Fazenda Bela Vista, município de Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul. Figura 3a: Lateral. Figura 3b: Frente. Figura 3c: Fundos. Figura 3d: Caixa de água. Fonte: Os autores.



pós- 18

*Nouveau*. Também, possui uma varanda destacada pela colunata com pilares e detalhes no resalto em formas geométricas, que caracteriza a *Art Déco*; em sua calçada, uma paginação de piso em mosaico portugueses.

A volumetria da residência é retangular, com embasamento em soco e entre os materiais construtivos, a alvenaria de tijolos maciços, com bossagem revestida com argamassa. Oliveira e Oliveira (2017) também registraram a técnica de embasamento em soco e bossagem na mesma região, em construções mais antigas, indicando seu uso contínuo. As aberturas externas são em forma de arcos e as internas, em formas retangulares, com quadros e vedos de madeira e vidros. O telhado possui a estrutura em madeira, coberta por telhas de barro, com o desenho da cobertura variando entre três e quatro águas. O revestimento interno nas paredes das varandas é com madeira. O ornato é em relevo, com as letras iniciais do nome do proprietário, “LC” e “FDA Bella Vista”, e data da construção, 1938, sendo o conjunto da edificação uma inspiração no estilo Eclético.

Ainda, referente à Figura 3, observa-se, também, uma piscina no formato retangular em sua área de lazer e, aos fundos, uma caixa d’água de concreto com forma geométrica em sua volumetria, uma característica do estilo *Art Déco*.

Na sede da fazenda, encontra-se, também, um exemplar edificado com função religiosa, uma capela, construída por seus proprietários, em resposta a uma graça recebida; como característica peculiar, esta edificação, também, funcionava como escola para as crianças da fazenda.

A edificação está cercada por pilares de madeira de aroeira, com arame liso. Sua entrada é marcada por um hall com cobertura em duas águas, duas pseudocolunas nas laterais, com degraus e uma cruzeta no alto da parede acima da primeira cobertura (Figura 4).



Figura 4: Capela na Fazenda Bela Vista, município de Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul.

Figura 4a: Fachada. Figura 4b: Lateral.

Fonte: Os autores.



A volumetria da capela é retangular, avarandada em suas laterais e por estar em terreno amplo, uma característica do estilo Neocolonial. Seu embasamento é em soco e com cobertura em duas águas com telha de barro. Também, apresenta aberturas retangulares com quadros e vedo em madeira e a alvenaria é em tijolos maciços. Seu conjunto é uma inspiração no estilo Eclético. Todas as edificações na fazenda se encontram em ótimo estado de conservação, tanto a antiga residência em madeira, quanto as em alvenaria. Atualmente pertencem aos irmãos de Adelaide Coelho.

#### • Assentamento Mutum – 1940

No assentamento Mutum, encontra-se a antiga residência de Ludovico Nogueira (Figura 5), fazendeiro bem-sucedido na época, construída em 1940. No local, atualmente funciona em suas instalações o escritório do Instituto de Reforma Agrária e Colonização (INCRA). Devido ao descaso atual, a obra encontra-se em mau estado de conservação. Oliveira e Oliveira (2017) também observaram e criticaram a falta de cuidado dos órgãos relacionados à reforma

Figura 5: Antiga sede de fazenda localizada no Assentamento Mutum, município de Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul. Figura 5a: Vista Geral. Figura 5b: Fachada com data. Figura 5c: Detalhe das portas e janelas.





Figura 6: Detalhe paginação de piso e bica de água da residência situada no Assentamento Mutum, município de Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul. Figura 6a: Bica de água. Figuras 6b e 6c: Detalhe da paginação.  
Fonte: Os autores

agrária, em relação ao patrimônio arquitetônico existente, tais como as antigas sedes de fazendas, abandonadas e depredadas, tornando-se em pouco tempo, ruínas da história Brasil. Este aspecto nunca é discutido no processo de criação de assentamentos em áreas com construções históricas, tais como a Estação Beltrão e Fazenda Capão Bonito, com suas edificações em ruínas.

O local estudado possui uma volumetria em formato de “L”, implantada em um amplo terreno e avarandada, uma característica do estilo Neocolonial, com embasamento em soco, alvenaria de tijolos maciços, com bossagem revestida de argamassa. A cobertura da edificação é aparente, com estrutura em madeira e telhas de barro.

A entrada principal é marcada por um frontão em alvenaria, platibanda com formas geométricas intercaladas, moldura no resalto do reboco, ornato na forma circular no centro do frontão, com as letras iniciais do nome do proprietário, “LN” e data da construção, “1940”.

As aberturas são retangulares com vedos em madeira e vidro (Figura 6). A paginação de pisos nas salas é em ladrilho hidráulico, com colorido diferenciado; já nos quartos, o assoalho é de madeira e a obra, como um todo, possui inspiração no Eclético. De acordo com Oliveira e Oliveira (2017), o uso de ladrilhos demonstrava o grande valor investido na construção, devido ao alto custo deste material, acessível apenas para poucos proprietários.

#### • Fazenda Vira Mão – 1941

Em outra fazenda da região, conhecida como Vira Mão, encontra-se uma edificação construída em 1941 (Figura 7), que era referência de conforto na região. Pertenceu a Estevão Gonçalves Barbosa Marques e depois à sua filha, Donata Oliveira Barbosa e esposo, Olívio Oliveira; hoje é propriedade do herdeiro Emilio Curi, residente em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

A edificação, implantada em um amplo terreno, possui o térreo e o pavimento superior, cercada por um muro de concreto e gradil em ferro. Seu



Figura 7: Sede da Fazenda Vira Mão, município de Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul.  
Figura 7a: Fachada frontal.  
Figura 7b: Fachada lateral direita.  
Fonte: Os autores.



embasamento é em soco, com pedestais e escada de acesso, alvenaria de tijolos maciços, com bossagem revestida com argamassa.

A cobertura é aparente, com estrutura de madeira e desenho em três e quatro águas, coberta por telhas de barro. Também possui aberturas retangulares com vedos em madeira e vidros. Corpo com esteio, frechal e trama de pilastras verticais de fuste liso, base e capitel, além de coroamento arquitrave, friso e cornija, frontão central e alpendre avarandado com guarda-corpo balaustrado em inspiração jônica. Também, possui papel de parede aplicado nas paredes internas da varanda. Em seu tímpano, apliques e ornamentação como a presença de um medalhão, ornato oval em cercadura com monograma com letras

Figura 8: Sede da Fazenda Vira Mão, município de Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul.  
Figura 8a: Emblema com as letras.  
Figura 8b: Detalhe da sacada.  
Figura 8c: Vista lateral esquerda.  
Fonte: Os autores.



entrelaçadas “DOB”, data da construção (1941) e as letras iniciais com o nome da Fazenda Vira Mão (FVM). A obra possui inspiração no Eclético (Figura 8).

#### • Fazenda Recreio – 1942

A sede da fazenda, construída em 1942, pertenceu a Marcos Gonçalves Barbosa, irmão de Estevão Barbosa e depois a Generoso Barbosa; hoje pertence a uma proprietária residente no Estado de São Paulo, sem vínculos familiares com os antigos herdeiros, que a mantém em bom estado de conservação.

A entrada de acesso principal é marcada por uma varanda. Sua volumetria é em forma retangular, implantada em um amplo terreno, avarandada, com pilares e um cercado em balaústra de madeira. O embasamento é em soco, com alvenaria de tijolos maciços, com bossagem revestida de argamassa.

A abertura de portas e janelas é em formas retangulares e de arcos, com quadros e vedos em madeiras e vidro. A cobertura da estrutura é de madeira, com telhas de barro, quatro águas. A paginação de pisos é com ladrilhos hidráulicos cerâmicos e móveis, entalhados em madeira. Sua inspiração é no Neocolonial (Figura 9).

pós- 85

Figura 9: Sede da Fazenda Recreio, com detalhes da paginação de pisos e móveis, município de Rio Brillhante, Mato Grosso do Sul. Figura 9a: Fachada lateral direita. Figura 9b: Fachada frontal. Figura 9c: Interior da varanda. Figura 9d: Paginação do piso. Figura 9e: Mobiliário - armário. Figura 9f: Mobiliário - aparador.

Fonte: Os autores.







Figura 10: Fachada frontal e lateral da sede da Fazenda Triângulo, município de Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul. Figura 10a: Fachada frontal. Figura 10b: Detalhe do ornamento. Figura 10c: Fachada lateral esquerda.  
Fonte: Os autores

#### • Fazenda Triângulo – 1945

Na fazenda, encontra-se a antiga residência de Gumercindo Barbosa, grande fazendeiro na época; atualmente pertence à família Aléssio. Na construção, o alpendre é avarandado e em sua entrada principal existe uma abertura em forma de arco-pleno. No pavimento superior, a presença de um guarda-corpo balaustrado. O antecorpo é com ressaltos, bossagem e rusticação, além de trama de pilastras verticais com capitel.

O coroamento da edificação apresenta frisos ornamentados, arquitrave, cornija, sendo o muro de ático em frontão triangular, tímpano com o desenho em forma geométrica de triângulo, e moldura com ressaltos em monograma com as letras iniciais do nome do proprietário, “GB”, e data da construção, “1941”. Os elementos decorativos são em ressaltos no arremate do coroamento da edificação.

Dentre os materiais utilizados na sua construção, se destacam alvenaria de tijolos maciços revestidos com argamassa, aberturas retangulares com quadros e vedos de madeira e vidros martelados. A estrutura é de madeira, coberta por telhas de barro, com o desenho da cobertura variando entre duas e três águas. O conjunto de elementos decorativos da obra é marcado pelo exagero de detalhes e ornamentos, uma inspiração no estilo Eclético.

Segundo relatos orais dos descendentes da família dos Barbosas, na frente de sua residência (Figura 10), Gumercindo Barbosa, juntamente com os músicos do Trio Serenata, famoso em sua época, compôs a letra da música Chê Florência. Esta canção foi uma homenagem a sua esposa “Florença”, nome pelo qual carinhosamente lhe chamava para tomar o chimarrão e se tornou um símbolo sertanejo, na época.

#### • Fazenda Campo Alegre – 1947

A sede da Fazenda Campo Alegre foi construída em 1947 e pertenceu a Lourival Barbosa e sua esposa, Antônia de Souza Barbosa. O proprietário, mais conhecido como “Sinhozinho”, também foi prefeito do Município, no período de 1960 a 1963. Atualmente a propriedade pertence ao neto herdeiro, André Barbosa.

Figura 11: Imagens da sede da Fazenda Campo Alegre, com detalhes da residência, muro e bica de água, município de Rio Brillhante, Mato Grosso do Sul. Figura 11a: Fachada frontal. Figura 11b: Detalhe interior da varanda. Figura 11c: Detalhes do muro de concreto. Figura 11d: Bica de água. Fonte: Os autores.



A construção é cercada por uma mureta de concreto com pilares, implantada em um amplo terreno, que remete ao estilo Neocolonial. Sua volumetria é em forma retangular, com embasamento em soco, entrada principal com duas pilastras torcidas, um portão em ferro e acima, no seu tímpano, uma moldura em ressaltado em forma geométrica com um azulejo e gradil em ferro ornamentado, uma característica do estilo *Art Nouveau*.

A alvenaria é de tijolos maciços, com bossagem revestida de argamassa. As aberturas são retangulares com vedado em madeira, ferro e vidro. A cobertura é duas águas, com madeiramento e telhas de barro, inspirado no estilo Eclético (Figura 11).

Na propriedade, ainda, existem duas construções com função religiosa. A capela (Figura 12) possui uma forma volumétrica retangular, implantada em um amplo terreno, embasamento em soco, com duas pseudocolunas e ornamentos em formas geométricas no reboco em ressaltado, reproduzindo o desenho de degraus e uma cruz em sua platibanda que esconde a cobertura em duas águas com telhas de barro. Também, possui aberturas retangulares com quadros e vedado em ferro e vidro e o conjunto, inspiração no Eclético.

Outra edificação é o cemitério, implantado em um amplo terreno e cercado por um muro de cimento. No local, encontram-se sepultados alguns dos descendentes dos “Barbosas”, como Lino Barbosa, falecido em 1936, Guilhermina Barbosa Moura, falecida em 1933 e Jehovah da Fonseca Barbosa, dentre outros.

As formas das sepulturas são retangulares, em alvenaria de tijolos maciços, ornamentados com esculturas em seus sepulcros, molduras no ressaltado do reboco em formas geométricas que remetem ao *Art Déco*, alguns revestidos por diferentes tipos de mármore. Sua inspiração também é no estilo Eclético.

Figura 12: Igreja e cemitério existentes na Fazenda Campo Alegre, município de Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul.  
Figura 12a: Fachada frontal.  
Figura 12b: Detalhe interior da Igreja. Figura 12c e 12d: Cemitério.  
Fonte: Os autores.



#### • Fazenda Suez – 1948

Outra propriedade que é referência histórica para a região é a Fazenda Suez (Figura 13), com sede edificada em 1948 e inspiração no estilo Neocolonial. Um dos primeiros proprietários da área foi Etalvíio Pereira Martins e atualmente a propriedade é de posse de Aguiar de Almeida Pereira.

O local era considerado um colosso, em relação ao tamanho, pois abrangia um trecho de mais de 30 km entre os rios Vacaria e Brilhante, a leste da cidade de Rio Brilhante, possuindo cerca de 50 mil hectares, em um dos pontos de terras mais férteis do Estado. Inicialmente, a região era coberta por matas de grande porte, que Etalvíio Martins passou a explorar em fins dos anos de 1950. Estas áreas se transformaram em áreas de pastagens, hoje cobertas com cana-de-açúcar (MAGALHÃES, 2012).

Devido a seu grande tamanho, a fazenda sofreu vários desmembramentos, originando uma série de outras propriedades. Porém, estas novas atividades, associadas a grandes modificações ambientais decorrentes da derrubada de florestas e queimadas, levou à diminuição da vazão dos rios e córregos, resultando em uma série de problemas ambientais hoje verificados, tais como o assoreamento de rios e desaparecimento de nascentes.

Nessa mesma fazenda também existiu uma grande serraria. Para abrigar seus funcionários, foi construído um total de trinta casas em madeira, uma verdadeira vila, no auge da exploração madeireira (MAGALHÃES, 2012), levando-se em consideração o pequeno tamanho das cidades da região.

Como características construtivas da sede da fazenda, implantada em um amplo terreno, são observadas a volumetria da edificação em forma retangular, com o térreo e o primeiro pavimento. O embasamento é em soco, com escada



Figura 13: Sede da Fazenda Suez, em alvenaria, serraria e casas em madeira, município de Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul. Figura 13a: Fachada da residência. Figura 13b: Serraria. Figura 13c: Residências de madeira. Fonte: Magalhães (2012).



pós- | 68

de acesso e varandas com aberturas em forma de arcos, alvenaria de tijolos maciços e com bossagem revestida com argamassa. As aberturas das janelas são em forma de arco, com vedo em ferro e vidro, tipo veneziana. Os jogos de telhados são em duas águas, com estrutura em madeira e telhas de barro.

Como resultado do processo de desmembramento e venda de partes da propriedade, surgiu uma empresa, denominada Energética Santa Helena; na sequência, em parceria com os proprietários da área remanescente da Fazenda Suez, foi construída a Usina Eldorado. Na ocasião de sua inauguração, um dos únicos filhos do patriarca Etalvíio Martins, ainda vivo, José Pereira Martins, mais conhecido como Zé Pereira, foi saudado efusivamente por Benedito Coutinho, que iniciava um novo empreendimento de sucesso. Posteriormente a empresa foi vendida para a Odebrecht Agroindustrial; porém continua até hoje com o nome de Eldorado.

Nas cidades do Estado de Mato Grosso do Sul, como observado em Rio Brilhante, não ocorreu uma arquitetura totalmente autêntica, ou seja, genuína, principalmente no estilo colonial. Esta situação pode ser comprovada através da publicação do livro *“Ciclos Econômicos e Produção Arquitetônica em Porto Murtinho”*, pela autora Maria Margareth Escobar Ribas Lima, ano de 2013. Na referida obra, percebe-se que as construções em madeira são um tipo de arquitetura espontânea vernácula em função da exploração de tal material, abundante na região, além de outras, em alvenaria, uma arquitetura no estilo neocolonial, fato relacionado ao período das construções, na cidade de Rio Brilhante, serem datadas do século XIX ao século XXI.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma característica construtiva bastante encontrada nas fazendas, em função da exploração das inúmeras florestas da região, foi a arquitetura espontânea vernácula, também conhecida como popular, utilizando-se de materiais numerosos do próprio ambiente em que a construção era realizada, no caso, a madeira. Desta maneira, as edificações apresentavam caráter regional, feitas de madeira e sempre implantadas em um amplo terreno. Além das residências, outras edificações, tais como pontes, regos d'água e o cercado das edificações com pilares e arame liso, utilizavam a madeira como principal matéria-prima.

Porém, com a eclosão da Guerra do Paraguai, grande parte da população abandonou a região, com a maioria de suas edificações sendo devastadas. No pós-guerra, em 1872, se estabeleceu um novo desenvolvimento regional, com a comercialização de produtos da pecuária e erva-mate, com a mão de obra exercida pela força do trabalho indígena e paraguaia. Aliado a outros fatores, isto permitiu um grande crescimento econômico, cujo acúmulo de capital resultou na construção de residências abastadas para o padrão da região.

Esta maior riqueza permitiu o surgimento das construções em alvenaria, nas quais aparecem os cômodos mais amplos, paginações de piso cerâmico, como a presença dos ladrilhos hidráulicos, vitrais coloridos, sendo muitos desses materiais importados da Europa e comercializados via casas comerciais de Corumbá, nas margens do Rio Paraguai.

As residências passam a ter mais ornamentos e detalhes em suas fachadas e aberturas, mobiliários internos mais confortáveis, ficando visíveis seus elementos arquitetônicos, bem definidos através de suas imagens, formas e materiais construtivos, demonstrando o poder do capital acumulado pelas famílias pioneiras.

Pode-se afirmar que nesta nova ocupação pós-guerra, final do século XIX, a forma arquitetônica começa a ser importada de outras localidades, com uma arquitetura espontânea vernacular. Isto pode ser observado nas residências de madeira, residências térreas e assobradadas em alvenaria, com um determinado número de elementos arquitetônicos, mas não autênticos e genuínos de um estilo predominante, ocorrendo uma imitação de diferentes formas arquitetônicas, copiadas dos grandes centros urbanos.

Desta maneira, na maioria dos locais estudados, predominou o ecletismo, uma mistura de estilos arquitetônicos do passado, criando um tipo arquitetônico adaptado à região, mas não genuíno ou tradicional.

## REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira (Org.). *Arquitetura em Campo Grande*. Campo Grande: Uniderp, 1999. 261p.
- BARBOSA, Emílio Garcia. *Os Barbosas em Mato Grosso*. 2.ed. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2011. 255p.
- CAMPESTRINI, Hildebrando. *Mato Grosso do Sul: conflitos étnicos e fundiários*. Campo Grande: [s.e.], 2009. 127p.
- CPRM. Serviço Geológico do Brasil. *Documentos Cartográficos - Multimeios*. Rio de Janeiro: CPRM, 2005. 213p.

FACHOLLI, Clenice Batista; DOERZBACHER, Sirley. *Rio Brilhante: sua terra, sua gente*. Cascavel: ASSOESTE, 1991. 150p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades*. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

LIMA, Maria Margareth Escobar Ribas. *Ciclos econômicos e a produção arquitetônica em Porto Murtinho*. Campo Grande: Governo do Estado de Mato Grosso do Sul/FIC, 2013. 192p.

MAGALHÃES, Luiz Alfredo Marques. *Mato Grosso do Sul - Fazendas Uma Memória Fotográfica*. Edição especial. Campo Grande: Gráfica e Editora Alvorada, 2012. 272p.

MAMIGONIAN, Armen. Inserção de Mato Grosso ao mercado nacional e a gênese de Corumbá. *Revista GEOSUL*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 39-47, 1986. doi: <http://dx.doi.org/10.5007/12537>.

MARQUES, Rubens Moraes da Costa. *Trilogia do Patrimônio Histórico e Cultural Sul-Mato-Grossense*. 2.ed. Vol. III. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. 472p.

OLIVEIRA, Fábio Fernando Martins; OLIVEIRA, Ademir Kleber Morbeck de. Produção arquitetônica na zona rural do município de Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul: 1844 a 1930 – parte I. *Arquitextos*, São Paulo, ano 18, n. 209.00, Vitruvius, 2017.

ROCHA-PEIXOTO, G. *A estratégia da aranha*. Rio de Janeiro: RioBooks, 2013. 172 p.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941. 208p.

SOUZA, Antônio Barbosa. *Laucídio Coelho um homem à frente de seu tempo*. Campo Grande: Vector Editores e Consultores Associados, 2007. 268p.

#### **Nota do Autor**

A pesquisa contou com o apoio do CNPq.

#### **Nota do Editor**

Data de submissão: 15/09/2016

Aprovação: 11/07/2018

Revisão: Maria Izabel Boschi

---

#### **Ademir Kleber Morbeck Oliveira**

Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional.  
Universidade Anhanguera-Uniderp, Campo Grande, MS.  
[akmorbeckoliveira@gmail.com](mailto:akmorbeckoliveira@gmail.com)

#### **Fábio Fernando Martins Oliveira**

Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional.  
Universidade Anhanguera-Uniderp, Campo Grande, MS.  
[fabiofmartins2015@gmail.com](mailto:fabiofmartins2015@gmail.com)